



EDITORIAL

Abrimos essa edição com uma pintura de Se Suzuki, representando uma pessoa transmasculina em escalas de cinza, que antecede o poema de Christopher Santana - “O que eu sei sobre mim” - sobre a experimentação de seu corpo múltiplo que se refaz. Em seguida, temos o texto de Samuel Bittar, intitulado “Eu-autor: a experiência de disforia de gênero como dissonância cognitiva”, que trata de algumas reflexões sobre disforia de gênero, ao passo que o próximo texto, “Enviadesci” de René Yuri Lemos, nos conta um pouco sobre a desconstrução de uma masculinidade hegemônica e o uso de hormônios.

O próximo material é uma colagem digital composta com um poema de Salem, em espanhol, sobre o *devenir queer*, seguido pelo poema “Aqui, Todo Mundo Tá Morrendo” de Lyan Ayam, que trata dos processos de sofrimento contemporâneos. Em sequência, temos as pinturas abstratas de Rafa Rofo e o texto “SANTO ONOFRE O ERMITRANS”, que analisa a narrativa sobre a vida de São Onofre e as discussões em torno da transgeneridade na Antiguidade. Após esse texto, apresentamos dois poemas sem título de Danillo Pietro Craveiro e Julian Angardi, que trata da relação com a figura da mãe e, o outro, processos de violência e marginalização de pessoas trans.

Na ordem dos materiais, seguimos com uma resenha do artigo de Amara Moira, “O cis pelo trans”, feita por Jamie Kalil Sousa Miranda, e a arte de Peter Milanez da Silva que representa uma pessoa transmasculina mastectomizada e com a cirurgia de faloplastia, seguido por um poema seu sobre se ligar com suas ancestralidades e abraçar a si próprio. Temos, então, o poema “trajeto de olhos” de Nicolas Bastos enquanto uma carta aberta às violências da cisgeneridade, e as pinturas de Mikael Sol representando algumas figuras conhecidas.

Após isso, nos deparamos com um texto de Rosa Caldeira em uma narrativa autobiográfica que dialoga com cinema, poesia, periferia e narrativas marginalizadas. Em seguida, as artes de Bernardo Guterres e um poema sem título de Dante Lírio sobre os processos de mercantilização da vida. Após esse material, temos o texto “Um homem é um vulcão” de Erik Neuburger, que articula uma discussão filosófica sobre as noções de ilha e vulcão, e o poema “poemas de amor e carnaval” de Felipe de Paula. Encaminhando para o fim dessa edição, temos o artigo “Breve histórico das transmasculinidades no Brasil no século XX e início do século XXI” de Leonardo Farias Pessoa Tenório e Luciano Palhano, que traça um percurso histórico das



transmasculinidades no Brasil, fechando com a arte de Nenio, intitulada “Transmasculinidades (R)existem!”.